

José Honório Rodrigues e o Desenvolvimento da Arquivística Brasileira

Iaponan Soares

1. Introdução

No curso de suas inúmeras atividades públicas, o historiador José Honório Rodrigues passou pela direção de duas importantes instituições culturais brasileiras: a Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional.

Neste estudo se pretende abordar, ainda que superficialmente, a contribuição do historiador no desenvolvimento da moderna arquivística brasileira. Com tal diretriz procuramos nos ater a alguns fatos indicadores desse propósito, sobretudo a partir de 1958, quando ele assumiu a direção do Arquivo Nacional.

O estado em que José Honório Rodrigues encontrou aquela casa está relatado na publicação "Situação do Arquivo Nacional" ⁽¹⁾, nela se podendo deduzir não ser muito diferente a situação dos profissionais da arquivística, sem nenhuma formação técnico-científica e por isso sem condições para equacionar os problemas de guarda e identificação dos acervos documentais que se acumulavam indefinidamente nas instituições criadas para esse fim.

No prefácio que escreveu para a obra "Documentos Públicos e Privados: Arranjos e Descrições", de T. R. Schellenberg, relata José Honório Rodrigues a pobreza de nossa bibliografia sobre arquivística, dizendo: "*Como no Brasil e em língua portuguesa só existiam um pequeno livro distribuído aos alunos do Curso de Arquivos da Hollerith, dirigido por D. Inês de Barros Barreto Corrêa de Araujo, uma publicação do D. A. S. P., "Vade-Mécum do Arquivista", de Márcilio Vaz Torres, e "Arquivar e Achar", de Eric Watson White, funcionário da Light, obras todas limitadas e insatisfatórias, pode-se avaliar o saldo que a técnica arquivística deu no Brasil ao contar com a bibliografia que o Arquivo Nacional pôs à disposição dos atuais e futuros arquivistas. As obras de Schellenberg e de S. Müller, J. A. Feith e R. Fruin pertencem à mais alta categoria e se classificam entre as melhores do gênero na literatura especializada mundial*" (p. 25)

Esse salto é visível. Os cursos a nível de graduação e de mestrado já são realidades em nossas universidades.

Pela dificuldade de acesso a uma bibliografia mais ampla que o tema exige, nos contentamos nesta primeira abordagem com a existente no acervo da biblioteca-apoio do Arquivo Público do Estado de Santa Cata-

rina. Assim sendo, não será despropósito o levantamento de possíveis omissões.

De qualquer forma o tema não se esgota. Que outros interessados o ampliem e lhe dêem a dimensão que merece.

2. A Renovação da Arquivística Brasileira

O processo renovador da arquivística brasileira é fruto do empenho do historiador José Honório Rodrigues, quando a partir de 1958 assume a direção do Arquivo Nacional. O estado deplorável em que se encontrava aquela instituição, sem controle de acervos e sem quadro técnico capaz de atender qualquer propósito de modernização levaram o historiador a repensar seus projetos administrativos e começar o trabalho pelo caminho mais longo: a formação de pessoal adequado capaz de enfrentar os novos desafios que viriam pela frente. Em outras palavras: fundar uma arquivística com base científica, em consonância com os avanços tecnológicos já observados em centros internacionais mais evoluídos.

“Uma das primeiras iniciativas que tomei — lembra o historiador —, foi procurar trazer ao Brasil Theodore R. Schellenberg, o mestre americano em arquivística. Não foi difícil buscar e conseguir o apoio da divisão cultural da Embaixada Americana, e pouco depois tínhamos, por uma quinzena, o Dr. Schellenberg. Lembro-me que, ao falar ao diretor da divisão cultural ele procurou um *Who's Who* e, depois de encontrar a bibliografia do homem, disse-me: *É uma pessoa importante, é o maior arquivista americano*”.⁽³⁾

Estendendo o propósito de ouvir especialistas estrangeiros para melhor encetar a reforma que pretendia fazer no Arquivo Nacional, José Honório Rodrigues buscou na Europa outro mestre. Henri Boullier de Branche, diretor dos Arquivos de Sarthe (Le Mans, “que desde o primeiro dia, com uma dedicação exemplar, paciência beneditina, sólida competência e grande experiência, colaborou no Curso de Aperfeiçoamento de Arquivos e dirigiu um grupo de trabalho que preparou e organizou o *Inventário Sumário da Secretaria da Marinha*”.⁽⁴⁾

Nas observações que colheu quando de sua estada no Arquivo Nacional, o prof. Branche produziu um importante relatório, peça em que destacou como prioridade básica para se enfrentar os desafios que a moderna arquivística estava a exigir era a formação de pessoal técnico especializado e que mais tarde tivesse condições de multiplicar esses conhecimentos através da criação de uma escola, “ou de uma série de outros cursos regulares, que assegurarão, no futuro, a formação e o recrutamento regular do pessoal do Arquivo Nacional, e eventualmente dos Estados”⁽⁵⁾.

No espaço de tempo em que permaneceu na direção do Arquivo Nacional (1958-1964), José Honório Rodrigues foi incansável no trabalho de formação de pessoal técnico especializado. Para melhor firmar esse propósito, criou uma coleção mimeografada sobre arquivística, que passou

a divulgar modernos textos sobre o assunto, em sua maioria coletados em revistas técnicas francesas, inglesas e norte-americanas. Um trabalho verdadeiramente pedagógico e de que muito necessitava a nossa arquivística, até então, por falta de instrumentação científica, semijazia ao lado do mofo e da poeira dos papéis que aparentemente guardava.

Essa coleção foi a base de uma bibliografia especializada que não existia em língua vernácula. Foram dezenove títulos publicados, em boa soma traduzidos pela incansável Lêda Boechat Rodrigues.

Paralelamente José Honório Rodrigues criou mais duas séries de textos sobre assuntos arquivísticos; a de Publicações Técnicas e a de Instrumentos de Trabalho. E ampliou em dez títulos a já conhecida série "Publicações do Arquivo Nacional", nela se destacando os volumes sobre registro de estrangeiros, formando um painel que vai de 1808 a 1842, assunto que se completou com a publicação do volume intitulado "Registro de Estrangeiros nas Capitânicas — 1777-1819".⁽⁶⁾

Na série de publicações técnicas, que se caracterizou pela difusão de textos fundamentais da arquivística moderna, se destacam, entre outras, os livros "Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos"⁽⁷⁾, preparado pela Associação dos Arquivistas Holandeses, "Documentos Públicos e Privados: Arranjo e Descrição"⁽⁸⁾, e "Manual de Arquivo"⁽⁹⁾, ambos de T. R. Schellenberg.

Com efeito, é Schellenberg quem, entre todos, exerceu e ainda exerce forte influência na arquivística moderna brasileira. O sólido conhecimento que transmite em suas obras, aliado a uma metodologia técnica plenamente aplicável à nossa realidade são os principais fatores que fazem desse mestre um guia de todos nós. Nesse sentido as lições de Schellenberg, continuam a ter ressonância, dando-nos a base segura para construir a diretriz de nosso próprio caminho.

3. Metodologia da pesquisa e fontes documentais

Com o espírito voltado para o revisionismo crítico de nossa história, desde logo sentiu José Honório Rodrigues que sua tarefa passava invariavelmente pelo reexame das fontes documentais e pela definição de uma metodologia histórica brasileira, questões problemáticas de cujo equacionamento muito iriam depender seus estudos posteriores.

A compreensão desses problemas teria que, na verdade, passar pela renovação de nossa mentalidade arquivística, que carecia de formação técnico-científica adequada para enfrentar novas e importantes solicitações. A propósito, História e Arquivística se auto-dependem, muito embora não seja o conhecimento histórico a principal finalidade dos arquivos. Ambas têm que evoluir por caminhos paralelos, com suas visões de saber também direcionadas para as ciências anexas, como metodologia de pesquisa, história de instituições culturais, história do direito, organização administrativa, bibliografia, filmes, etc.

Nesse sentido, as recomendações do prof. Branche, contidas no já citado relatório, tiveram ressonância. Seus ensinamentos, José Honório Rodrigues não só os aproveitou para si como também foi ele próprio um dos pioneiros na formação de bibliografia sobre esses assuntos de fundamental importância na formação de novos arquivistas e historiadores.

Seu livro "A Pesquisa Histórica no Brasil" ⁽¹⁰⁾ responde com suficiência por algumas dessas questões. É obra de referência que se distingue na bibliografia brasileira pela soma de assuntos tratados. Dividida em seis partes, aborda temas como a evolução da pesquisa histórica brasileira, tomando por base o papel dos institutos históricos e o empenho de alguns historiadores nacionais; os instrumentos do trabalho histórico e as formas de acesso aos acervos documentais; as fontes da história moderna e contemporânea, tratando dos documentos econômicos e sociais, documentos diplomáticos e consulares, documentos públicos, jornais, revistas, periódicos, filmes, história e literatura; arquivos e bibliotecas, onde relaciona os principais arquivos brasileiros, com dados sobre suas histórias e seus acervos, bibliografia sobre os arquivos estrangeiros de interesse da história brasileira e bibliotecas; por fim propõe a criação do Instituto Nacional de Pesquisa Histórica, com a finalidade de "promover e estudar a pesquisa histórica oficial e pública no Brasil e estrangeiro, planejando e organizando os papéis históricos do Brasil e relativos ao Brasil, existentes no estrangeiro e preparando a formação profissional de historiadores e pesquisadores de história" ⁽¹¹⁾. Um projeto ambicioso que infelizmente ainda continua no papel.

A contribuição de José Honório Rodrigues no campo da metodologia da pesquisa histórica é ressaltada por José Roberto do Amaral Lapa em seu livro "Historiografia Brasileira Contemporânea — a História em questão" ⁽¹²⁾, identificando nesse esforço a dedicação de um trabalho que o historiador vinha desenvolvendo "há anos em favor de uma História Moderna do Brasil e de uma História do Brasil Moderno, isto com o aparato crítico documental e bibliográfico que se exige para o conhecimento histórico e a Historiografia de um país atinjam a idade adulta. Credenciam-se a essa tarefa a soma de estudos que tem realizado e publicado, a experiência direta no trato arquivística, os cargos de direção que ocupou em instituições vinculadas à pesquisa histórica, a pregação contínua que tem feito, como a independência intelectual de sua palavra e de sua pena" ⁽¹³⁾.

A preocupação com arquivos e fontes documentais são assuntos que acompanham paulatinamente o fazer histórico de José Honório Rodrigues. Em "História, Corpo do Tempo", ⁽¹⁴⁾, em dois capítulos ele trata de problemas de metodologia histórica e de fontes de pesquisa da história contemporânea brasileira. Já em "Tempo e Sociedade" ⁽¹⁵⁾, numa das partes do volume, ele volta ao assunto, abordando temas como a liberdade de informação e de pesquisa; a lição de Schellenberg à arquivística brasi-

leira; e a história contemporânea do Brasil e dos Estados Unidos. Neste último enfoque ele aborda algumas diferenças de procedimento no que diz respeito à liberdade de acesso às fontes primárias, principalmente de documentos contemporâneos.

Cabe ressaltar que José Honório Rodrigues valorizou como poucos os trabalhos tido como “menores”, como índice de publicações periódicas, edições críticas anotadas, catálogos, inventários analíticos e bibliografias indicativas de fontes. Nesse sentido preparou o “Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará” (16) e Índice Anotado da Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco” (17). Ainda na direção do Arquivo Nacional publicou pela série “Instrumento de trabalho”, o “Índice da Revista do Arquivo Público Mineiro” e deixou organizado para publicação o “Índice dos Documentos Relativos à América do Sul existentes na Biblioteca da Ajuda”.

Enquanto participou do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal Fluminense, dirigiu a Coleção Mattoso Maia, que se destina à divulgação de instrumentos para pesquisa de História do Brasil. Dessa coleção conhecemos “Nitheroy, Revista Brasiliense Ciências, Letras e Artes; 1836 — Índice Histórico” (18), de autoria de Diana Zaidmann e orientação de José Honório Rodrigues. Na mesma publicação estava indicado que se encontravam em preparo os “Índices Históricos” de Guanabara — Revista Artística, Ciência, Letras e Artes — 1843-1844”, e um “Guia das Bibliografias de História do Brasil”.

4. Conclusão

Pelo que se pode aferir nos indicadores aqui levantados sobre a contribuição de José Honório Rodrigues no desenvolvimento da moderna arquivística, se conclui:

1) — Criou condições para o desenvolvimento profissional da arquivística brasileira, trazendo especialistas internacionais para o aprimoramento técnico-científico do pessoal recrutado;

2) — Deu motivo para atrair novos interessados ao trabalho arquivístico, através de cursos que promoveu no Arquivo Nacional e com seus livros.

3) — Estimulou o levantamento de instrumentos de trabalho histórico, ele mesmo dando exemplo na execução de tais tarefas;

4) — Valorizou o papel dos arquivos e, conseqüentemente da arquivística, dando prioridade ao reexame das fontes primárias;

5) — Por fim, fez caminhar paralelas e harmonicamente instrumentadas, as questões de metodologia da pesquisa histórica e de preparo e conhecimento científico dos acervos documentais.

Com efeito, trata-se de uma contribuição de ressonância profunda, sem dúvida a mais significativa que a arquivística brasileira recebeu nos últimos tempos.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (¹) RODRIGUES, José Honório. *Situação do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1959.
- (²) SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. *Documentos públicos e privados*; arranjo e descrição. Trad. Manuel A. Wanderley. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1963. A segunda edição desta obra saiu em 1980, pela Editora da Fundação Getúlio Vargas — Rio de Janeiro.
- (³) Op. cit.
- (⁴) DE BRANCHE, Henri Boullier. *Relatório sobre o Arquivo Nacional do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1975.
- (⁵) Op. cit. p. 30.
- (⁶) Este painel é formado pelas seguintes publicações: "Os Franceses Residentes no Rio de Janeiro — 1808-1820; Registro de Estrangeiros — 1808-1822; 1823-1830; 1831-1839; 1840-1842 e Registro de Estrangeiros nas Capitanias — 1777-1819". Todos editados através da série "Publicações do Arquivo Nacional".
- (⁷) MULLER, Samuel et alii. *Manual de aranje e descrição de arquivos*. Trad. Manuel A. Wanderley. 2. ed. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1973.
- (⁸) Op. cit.
- (⁹) SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. *Manual de arquivos*. Trad. Manuel A. Wanderley. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1959.
- (¹⁰) RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 4. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1982. (Coleção Brasileira, série grande formato).
- (¹¹) Op. cit. p. 239.
- (¹²) LAPA, José Roberto do Amaral. *Historiografia brasileira contemporânea; a história em questão*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1981.
- (¹³) Op. cit. p. 111.
- (¹⁴) RODRIGUES, José Honório. *História, corpo do tempo*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1976. (Coleção Debates-História).
- (¹⁵) ————. *Tempo e sociedade*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.
- (¹⁶) ————. *Índice anotado da Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1959.
- (¹⁷) ————. *Índice anotado da Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*. Recife, s. ed., 1971.
- (¹⁸) ZAIDMANN, Diana. *Nitheroy, Revista Brasileira Ciências, Letras e Artes; 1836 — Índice histórico*. Niterói, Ed. UFF-CEUFF, 1978.

